

# **RACISMO DISCURSIVO NA MÍDIA BRASILEIRA**

Paulo Vinicius Baptista da Silva UFPR,  
[paulosilva@ufpr.br](mailto:paulosilva@ufpr.br), financiado pela CAPES.

Trabalho apresentado no VI Congreso Latinoamericano de Estudios del Discurso (ALED 2005), realizado em Santiago (Chile) de 05 a 09 de setembro de 2005.

Nesta comunicação, voltamos o foco para os discursos midiáticos brasileiros sobre negros e brancos. Utilizamos o termo mídia num sentido amplo, compreendendo a produção cultural de massa, em diversas formas e meios, incluindo, como meios midiáticos, a literatura, a literatura infanto-juvenil e os livros didáticos. Consideramos, em acordo com Thompson (1995) que na “sociedade moderna” a mídia ocupa um papel central na definição de pautas e de conteúdos do discurso público. As formas simbólicas (Thompson, 1995), integram a realidade social de forma a criar e manter relações de dominação. Os discursos são compreendidos como forma de difusão de significados que exercem papel, ao todo ou em parte, não somente para a difusão e reprodução (de racismo gerado em outras instâncias), mas também para a produção do racismo. A análise das relações raciais brasileiras não pode prescindir, conforme este ponto de vista, da análise do discurso racista na mídia. Adotamos o conceito de “discurso racista” em acordo com Essed (1991), considerando duas dimensões do racismo: a dimensão estrutural e a dimensão ideológica ou simbólica. Consideramos o plano simbólico como fundamental para análise dos processos culturais e sua relação com os processos pelos quais determinados discursos mantêm-se hegemônicos (Giroux, 1999). Organizamos a síntese em três tópicos: a) panorama de pesquisas e estudos brasileiros sobre negros e brancos na mídia; b) combatendo o discurso racista na mídia; c) resultados de estudos sobre negros e brancos na mídia brasileira.

## **1. Panorama**

Este artigo baseou-se em revisão bibliográfica sobre desigualdades raciais na mídia. O levantamento bibliográfico realizado foi sistemático e, o quanto pôde, exaustivo. Pesquisando em 24 bases de dados nacionais encontramos 182 referências de escritos que tematizaram (central ou secundariamente) desigualdades raciais em diferentes meios discursivos (tabela 1).



Tabela 1 - Produção brasileira sobre racismo no plano simbólico, por tipo e meio discursivo, 1987-2002.

Meio discursivo	Total	Dissertações	Teses	Livros	Capítulos de livros	Artigos em revistas	Artigos em anais
Livros didáticos	47	13	03	03	10	14	04
Jornais	16	06	02	02	02	06	02
Rádio	01	-	-	01	-	-	-
Televisão	11	-	01	-	02	06	02
Cinema	04	-	-	03	-	01	-
Publicidade	06	-	01	-	01	03	01
Mídia em geral	06	-	-	02	01	03	-
Literatura e Poesia	40	03	08	19	04	26	-
Teatro	04	-	-	01	-	03	-
Imagens	14	-	01	02	05	06	-
Discurso Acadêmico	11	02	01	02	02	03	01
Outros	22	04	02	05	01	10	-
<b>TOTAL</b>	<b>182</b>	<b>28</b>	<b>19</b>	<b>40</b>	<b>28</b>	<b>81</b>	<b>10</b>

Tomadas em seu conjunto, as pesquisas sobre os diferentes meios discursivos apresentam, simultaneamente, aspectos de diversidade e certas características comuns. Em geral encontramos pesquisadores ou ensaístas trabalhando quase que isoladamente em determinada(s) área(s). É raro identificar grupos de pesquisa com produção contínua sobre um determinado meio discursivo, por períodos relativamente longos<sup>1</sup>. O número de referências não reflete a quantidade de pesquisas, pois diversos dos escritos são repetições sobre o mesmo material empírico. São restritos o diálogo e a contraposição de idéias e conceitos com outros estudos. À exceção de pesquisas do mesmo autor, ou de autores com afiliação direta, foram raras as citações, contraposições de idéias, discussões ou críticas, mesmo em estudos de mesma universidade e de mesmo programa de pós-graduação. Além da necessidade de aprofundamento teórico conceitual indispensável à constituição de um campo de estudos, notamos outras lacunas no conjunto dos textos: por vezes, ausência de diálogo com o campo de relações raciais no

<sup>1</sup> Algumas exceções (certamente não exaustivas): sobre livros didáticos, Regina P. Pinto da FCC e Ana C. Silva; sobre jornais e televisão Solange C. Lima, Joel Z. Araújo, Fernando Conceição e Ricardo A. Ferreira da ECA/USP; sobre cinema João C. Rodrigues; sobre literatura infanto-juvenil Fulvia Rosenberg, Edith Piza e Shirley Bazilli da FCC e do NEGRI/PUC-SP; sobre literatura Zila Bernd e Domício Proença Filho.

Brasil; conseqüentemente, pouca atenção a questões teóricas importantes derivadas deste campo de estudo; outras vezes, ausência de análise sobre as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das mensagens.

A quase totalidade da produção voltou-se para a análise das mensagens dos meios midiáticos. São muitas as limitações<sup>2</sup> e dificilmente poderíamos falar em campo de conhecimento constituído. Portanto, as pesquisas oferecem limitada retaguarda a propostas de intervenção e implementação de ações práticas.

## **2. Combatendo o discurso racista na mídia brasileira**

A movimentação social em torno da representação do negro e do branco na mídia foi relativamente intensa. O tema esteve presente nos momentos mais significativos das discussões sobre políticas e práticas anti-racistas e integrou pautas de reivindicações do movimento negro.

Um ponto de pauta constante foi a crítica à difusão de idéias racistas e de representações estereotipadas sobre o negro brasileiro. Outro foi a invisibilidade do negro brasileiro nos meios de comunicação. A televisão, a publicidade, as revista e os jornais brasileiros foram acusados de apresentar uma imagem distorcida da população brasileira, limitando ao máximo a presença do negro.

Um momento de especial importância para a eclosão das críticas foram as comemorações do Centenário da Abolição, em 1988. Posteriormente, a Marcha Zumbi contra o Racismo, pela Cidadania e a Vida obteve como resposta do Governo Federal a criação do Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) para Valorização da População Negra. O decreto de criação do GTI, de 20 de novembro de 1995, definiu como uma de suas competências “estimular e apoiar iniciativas públicas e privadas que valorizem a presença do negro nos meios de comunicação” (Silva Júnior, 1998, p. 78). Nos relatórios do referido GTI, sobre as ações desenvolvidas, a principal foi a busca de

---

<sup>2</sup> Talvez a exceção esteja na produção sobre o negro na literatura brasileira. Além de ser o segundo grupo em frequência (40 referências, 23% do total), os textos sobre raça e literatura apresentam maior diversidade de autores e de temáticas. Muitos estudos se voltam ao tratamento racial realizado por literato ou movimento literários específicos. Em função da diversidade e do número de pesquisas e ensaios, não nos foi possível realizar o estudo sistemático e pormenorizado de todos, o que definiu a postura prudente na análise sobre as pesquisa que tratam de negros e brancos na literatura brasileira.

inclusão de maior contingente de negros na publicidade oficial do Governo Federal e das estatais<sup>3</sup>.

A agenda da mobilização para a Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata foi mais ampla. No Seminário Regional de São Paulo encontrou-se discussão sobre a invisibilidade do negro e a discriminação nos meios de comunicação (Santos, 2001). Entre as Pré-conferências temáticas ocorreu uma específica sobre o papel da indústria de comunicação (Moura e Barreto, 2002, p. 48). Entre as propostas condensadas para a área de comunicação e cultura, encontram-se: institucionalizar mecanismos que garantam visibilidade positiva da população negra nos meios de comunicação; desenvolver e estimular a implantação de programas especiais de valorização e atenção à população negra; incluir nas escolas de graduação de jornalismo, disciplinas voltadas para a formação de profissionais; criar mecanismos legais de espaços na programação das emissoras de rádio, tv, para a veiculação de programas referentes à realidade da população negra; criar mecanismos de capacitação de profissionais afro-brasileiros nas áreas de criação, direção, interpretação.

A movimentação social em torno do tema, portanto, foi intensa, contrastando com a limitada produção de pesquisas. Por outro lado, os estudos realizados apresentam resultados consistentes sobre o discurso que discrimina o negro, em diversos meios midiáticos brasileiros.

### **3. negros e brancos na mídia brasileira**

Inicialmente abordamos o discurso sobre negros e brancos na literatura, sem a intenção de fazer análise da pluralidade de estudos, mas nos atendo aos escritos que propuseram analisar o discurso racista na literatura com uma visão panorâmica (Brookshaw, 1983; Proença Filho, 1997).

---

<sup>3</sup> Outros pontos citados foram o financiamento e produção de programação específica com objetivos de valorização da população negra e o apoio a iniciativas de aprimoramento profissional de trabalhadores negros na mídia (pelos nossos dados, sem nenhum subsídio de pesquisas sobre o tema nos anos imediatamente anteriores).

## Literatura (e cinema)

Os estudos apontam que os personagens negros foram na maior parte das vezes construídos com traços estereotipados. Tais estereótipos foram transpostos para outros meios midiáticos, particularmente para o cinema (tema quase inexistente na pesquisa). Os estereótipos mais comuns no cinema, descritos nos escritos quase solitários de Rodrigues (1988, 1997), foram baseados em personagens da literatura, da qual o cinema constantemente se alimenta.

Um primeiro estereótipo diz respeito ao “bom crioulo”, descendente do “escravo fiel” do romance abolicionista (Brookshaw, 1983). As principais características são a subserviência e fidelidade aos senhores/patrões, aliadas à capacidade para o trabalho árduo e a dependência do paternalismo do branco, comum também no cinema (Rodrigues, 1988). A recorrente “mãe preta”, sofredora e conformada, via de regra se dedica integralmente a uma família branca. O correspondente “preto velho” é, em geral, apresentado como passivo, conformista<sup>4</sup> e supersticioso, tanto na literatura (Brookshaw, 1983) quanto no cinema (Rodrigues, 1988).

O “escravo nobre”, que vence por sua persistência, após muita humilhação e sacrifício, por vezes agrega características acima citadas (Proença Filho, 1997, p. 160). A nobreza de caráter identifica-se com a aceitação da submissão, associando-se a outra característica estereotipada, a do “negro vítima”. Caráter freqüente na literatura abolicionista como pretexto para a exaltação da liberdade, em geral à custa de assimilação aos ideais de comportamento do grupo racial dominante, sem especificidade cultural e psicológica do negro. O mártir tornou-se figura certa nos filmes brasileiros sobre a escravidão (Rodrigues, 1988). Um exemplo é o diálogo da personagem escrava Isaura, no livro de mesmo nome (duas vezes adaptado para telenovelas brasileiras), com a sinhá Malvina:

- Mas Senhora, apesar de tudo que sou eu mais que uma simples escrava? Essa educação, que me deram, e essa beleza, que tanto me gabam, de que me servem?... A senzala nem por isso deixa de ser o que é: uma senzala.
- Queixas-te de tua sorte, Isaura?
- Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, sei conhecer o meu lugar (Azevedo apud Proença Filho, 1997, p. 160).

---

<sup>4</sup> Numa citação de romance transcrita por Brookshaw (1983, p. 61), um preto velho manifesta saudosismo em relação à “felicidade do cativo”.

Outro estereótipo digno de nota é do “negro revoltado”, violento, cruel e rebelde, que apresenta características determinadas pela sua condição de “selvagem”, de proximidade com a brutalidade da natureza. É o “escravo algoz” (Brookshaw, 1983) ou “escravo demônio” (Proença Filho, 1997), encarnação do mal. No cinema encontra correspondência no negro politizado e no militante revolucionário (Rodrigues, 1988). O estereótipo do “malandro” agrega algumas de suas características; ambivalente, instável, esperto, erótico, e por vezes violento.

O erotismo é outro componente estereotipado. Os homens brancos construíram uma imagem de que o negro é puramente instintivo, mais potente e sexualmente insaciável (Brookshaw, 1983). O “negro pervertido” é promíscuo e representa insegurança e medo ao homem e à mulher branca. Em circunstâncias específicas, pode adquirir identidade homossexual (Rodrigues, 1988; Proença Filho, 1997).

A volúpia e sensualidade “natural” são atribuídas também à “mulata sensual”, uma caracterização estereotipada das mais comuns. Encarna as fantasias sexuais do homem branco, lasciva, irreverente, disponível para a relação sexual. No cinema, é a “mulata boa”, figura arquetípica.

Além do recurso aos estereótipos, algumas análises discutiram os valores que os personagens exercem nas tramas. Diversos autores acabam reafirmando as discriminações raciais, não conseguindo escapar ao ideal estético do branqueamento. Exemplo apontado por Brookshaw é o herói negro Balduino (do *Jubiabá* de Jorge Amado), altivo, pleno de vitalidade e espontaneidade, lascivo, mas que ao final “aceita sua própria inferioridade diante da mulher branca” (Brookshaw, 1983, p. 136) e acaba escravo da beleza branca de Lindinalva. Os sentimentos de inferioridade, aliás, são constantemente atribuídos pelos escritores brancos aos personagens pretos e “mulatos”.

Alguns autores chegaram a ultrapassar as barreiras dos estereótipos, mas ainda sem assumir uma literatura do negro como sujeito, com visões distanciadas (Proença Filho, 1997). É a busca de uma estética negra, fruto da consciência de intelectuais negros, que apresenta uma literatura consciente da negritude, que afirma o orgulho racial dos negros. Luís Gama é apontado como precursor e Lima Barreto como continuador dessa busca (Proença Filho, 1997; 2004). A preocupação principal é com a singularização cultural. O exercício da literatura adquire um sentido engajado, vinculado aos movimentos de afirmação do negro. A poesia negra, para Brookshaw (1983), foi o real movimento literário de singularização do negro no Brasil, embora o autor aponte algumas obras em prosa que o realizam. O pertencimento racial do autor

por vezes foi tomado como condição (necessária, mas não suficiente) para a proposição de uma *Literatura Negra*, voltada para os problemas do negro na sociedade brasileira (Ianni, 1988, p. 209). Para Bernd (1988) “o fator que se constitui no divisor de águas é o surgimento de um eu-enunciador, que revela um processo de tomada de consciência de ser negro entre brancos” (1988, p. 26). Em definição na qual o determinante é o fato de ser uma literatura que tematiza a alteridade do negro, Proença Filho propõe uma dupla acepção de *Literatura Negra*:

Em sentido restrito considera-se negra uma literatura feita por negros ou por descendentes assumidos de negros e, como tal, reveladora de visões de mundo, [...] de modos de realização que, por força de condições atávicas, sociais e históricas condicionadoras, caracteriza-se por uma certa especificidade, ligada a um **intuito claro de singularidade cultural**. *Lato sensu*, será negra a arte literária feita por quem quer que seja, desde que **centrada em dimensões peculiares aos negros** ou aos descendentes de negros (Proença Filho, 2004, p. 185, grifos nossos).

A literatura negra, mesmo nessa acepção, mais abrangente, é minoritária no Brasil, em termos de autores que a ela se dedicam, à discussão da crítica e às análises literárias na academia.

### **Imprensa**

Os estudos indicam a permanência, em jornais, de estereótipos presentes nos jornais do século XIX (Schwarcz, 1987) e observados até a atualidade: a correlação com profissões inferiorizadas (Martins, 2000); o negro das ocorrências policiais (Ferreira, 1883; Conceição, 1995); o negro violento (Ferreira, 1993); o negro centro das notícias escandalosas (Ferreira, 1993; Conceição, 1995); o uso de metáforas positivas sobre o branco e pejorativas sobre o negro (Menezes, 1998). Alguns exemplos foram compilados por Menezes (1998) no jornal *Folha de São Paulo*:

Carmen Mayrink Veiga [...] disse: Penei com termos horrorosos como grã-fina e *socialite*. Nem sei o que é isso. ‘Sempre **trabalhei como uma negra**’ (Folha de São Paulo, 25/08/1995 apud Menezes, 1998, p. 76, grifo nosso).

O país vive um momento grave, está encurralado por uma política absolutamente contraditória, um **samba do crioulo doido** (Folha de São Paulo, 02/06/1996 apud Menezes, 1998, p. 76, grifo nosso).

A primeira metáfora tem o sentido de trabalhar muito e receber pouco, sendo demasiadamente servil. Agrega também as idéias de que o trabalho realizado pelo negro tem caráter físico, o que se relaciona à suposta falta de intelectualidade do negro. A

segunda tem sentido de situação desorganizada, confusa, caótica. É uma das raras aparições da forma de nomeação racial “crioulo”, considerada pejorativa, mas aceitável na expressão idiomática. São dois exemplos do que Menezes descreveu como “metáforas conceituais” que vinculam a imagem social do negro a um contexto de negatividade e inferioridade.

Nos jornais, o negro permaneceu, em geral, circunscrito às editoriais: policial, relacionado à criminalidade; de esporte, principalmente no futebol e atletismo; de cultura, em geral cantores/as e/ou músicos/as (Ferreira, 1993; Conceição, 1995; Oliveira, 2002). Nessas editoriais, em termos de referencialidade lingüística o negro figurou como agente da ativa, ao passo que nas outras e nos editoriais foi retratado com o uso de agente da passiva (Ferreira, 1993). De forma análoga, na publicidade em revistas, constatamos alto índice de representação do negro como paciente, neste caso de ações sociais (Martins, 2000).

Outra constatação é a de que o branco apresentado como representante *natural* da espécie (Conceição, 1995). Por exemplo, uma notícia sobre o carnaval de Salvador como título a letra de uma música: “a cor desta cidade... o canto desta cidade... são eles e elas” (Conceição, 1995, p. 191-192). Acompanhavam fotos de 58 “personalidades” de Salvador, entre elas nenhum negro, numa cidade na qual os negros correspondiam a 80% da população segundo o censo de 1990. Em geral, negros foram tratados como Outros, ao passo que os textos do jornal se referem a um leitor supostamente branco.

Processo correlato foi observado em publicidade de revistas. Os negros foram invisibilizados, sendo retratados em proporção muito baixa (d’Akesky, 2004). A justificativa para tal desproporção, segundo relataram empresários, era o receio de ligar suas marcas a negros (Martins, 2000; d’Adesky, 2001). A proporção de negros em anúncios de revistas foi ascensional na década de 1990, conforme dados de Martins (2000, p. 138), passando de 5% no início da década para 12% em 1999. Mas os principais responsáveis pelo incremento foram os eventos esportivos (Jogos Olímpicos e Copa do Mundo de futebol), o que continuou a circunscrever o negro em estereótipos.

### **Televisão**

Na televisão, diferentemente dos jornais impressos, o questionamento do mito da democracia racial parece não ter sido incorporado. A televisão brasileira tem reduzido a percepção social da discriminação racial (Costa, 1988; Leslie, 1995). Repetem-se os

estereótipos do negro ligado particularmente ao futebol, carnaval e noticiários policiais (Costa, 1988). Os negros, que representam quase a metade da população do país, são apresentados em menos de 10% do tempo em programas e publicidade televisiva (Hanselbag, 1988, com índice de somente 3% de negros em publicidade televisiva; Leslie, 1995; Araújo, 2000; Oliveira, 2004). A telenovela, no que se refere à questão racial manteve uma postura afastada (Araújo, 2000; Oliveira, 2004). Leslie (1995) conclui que a televisão brasileira ajuda a sustentar o mito da democracia racial, negligenciando o contexto em que vivem os negros brasileiros. Nenhum programa televisivo que examinasse ou problematizasse com seriedade as condições da população negra brasileira foi observado (Leslie, 1995). Resposta a perguntas relacionadas à discriminação racial, por espectadores com exposição maciça à televisão, em comparação com aqueles que têm exposição “leve”, apresentaram diferenças significativas. A alta exposição apresentou correlação positiva com crenças no mito da democracia racial (Leslie, 1995).

Na telenovela, além da baixíssima proporção e de personagens subalternos os papéis para os atores eram quase invariavelmente papéis menores, sem importância na trama (Costa, 1988; d’Adesky, 2001; Araújo, 2000). Caso a sinopse elaborada pelo autor não determinasse que deveria ser um ator negro, a tendência invariável foi escalar um ator branco, o que revela a adoção da condição de branco como norma *naturalizada* no processo de produção das telenovelas (Araújo, 2000). A presença de atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas, praticamente inexistiu.

Em programas humorísticos, foram encontradas contradições nos discursos. Por um lado, um programa então com 35 anos (Os Trapalhões) tratava de forma estereotipada e discriminatória o negro. Por outro, um programa de inovação humorística (Programa Legal) apresentava expressões positivas da estética negra (Sant’Ana, 1994), porém sem deixar de apresentar ambigüidades.

### **Literatura infanto-juvenil**

Na literatura infanto-juvenil, observou-se a sub-representação de personagens negros, em textos e ilustrações; a estereotipia na ilustração de personagens negros; a correlação de personagens negros com profissões socialmente desvalorizadas; a menor elaboração de personagens negros; a associação, pela cor, com maldade, tragédia, sujeira; a associação do ser negro com castigo e com feiúra; a associação com

personagens antropomorfizados (não-humanos) (Rosemberg, 1985). A conclusão foi de que a literatura infanto-juvenil apresentava constantemente a discriminação contra não-brancos, tanto de forma aberta quanto latente, porém sem a valorização de um discurso claramente preconceituoso. A afirmação de tese anti-racista conviveu com a discriminação (Rosemberg, 1985, Bazilli, 1999). A naturalização do branco, tomado como representante da espécie humana, com atributos tidos como universais, negando o direito à existência aos não-brancos (Rosemberg, 1985; Bazilli, 1999). O branco, como “representante da espécie”, raramente tem atributo de cor/etnia descrito no texto. Via de regra a ilustração foi fonte privilegiada para fixar o atributo, que não precisa ser nomeado pois as pessoas são “naturalmente”brancas (Bazilli, 1999, p. 75). No caso de personagens negros (ou não-brancos), a classificação de cor/etnia foi praticamente obrigatória nos textos.

A coerência na caracterização dos personagens negros, de forma estereotipada e preconceituosa, foi tomada como fruto da focalização da criança branca como público (Negrão e Pinto, 1990). Uma possível hipótese explicativa seria a dificuldade dos autores (também de ilustradores, revisores, etc., isto é, as equipes de produção), predominantemente brancos, de construir textos em que a sua própria condição racial não seja naturalizada. Escritoras brancas de literatura infanto-juvenil assumiram, com a laicização da produção após a década de 1980, uma nova estética, com a presença de novas temáticas, inclusive a sexualidade (Piza, 1995). As escritoras brancas, na complexa interação entre as múltiplas subordinações presentes na sociedade, avançaram contra a subordinação de gênero se apoiando na subordinação de raça. Para Piza (1995, p. 129-130), as autoras foram prisioneiras de determinações que pesaram sobre elas, inclusive as raciais.

### **Livro didático**

De forma geral, os estudos apontam o tratamento do personagem branco como representante da espécie, muito mais freqüente nas ilustrações, representado em quase a totalidade de posições de destaque (Pinto, 1987; Ana Silva, 1988); personagem negro menos elaborado que branco (Pinto, 1987; Ana Silva 1988; Cruz, 2000; Paulo Silva, 2005) e sub-representado (Ana Silva, 2001; Paulo Silva, 2005). Os Personagens negros aparecem menos freqüentemente em contexto familiar (Pinto, 1987; Ana Silva, 1988,

2001; Paulo Silva, 2005) e desempenham número limitado de atividades profissionais, em geral as de menor prestígio e poder (Pinto, 1987; Ana Silva, 1988; Cruz, 2000).

Os estudos sobre livros da disciplina de história apontam algumas atualizações no tratamento textual às questões relativas ao negro, mas com a manutenção de um discurso desfavorável, que pode ser qualificado como discurso racista. Os textos apresentam tendência a manter uma lógica que privilegia o papel dos brancos como sujeitos dos processos históricos, em detrimento de negros (e indígenas), tratados como objeto e com espaços na sociedade delimitados restritivamente (Pinto, 1999, Oliveira, 2000, Cruz, 2000).

Os resultados das pesquisas realizadas em fins da década passada (Pinto, 1999; Oliveira, 2000; Cruz 2000; Silva, 2001) são unânimes na apreensão de certas mudanças no discurso sobre o negro dos livros didáticos publicados na década de 1990. Mas tais modificações não significaram um tratamento adequado da questão racial, ou ausência de discurso racista (Pinto, 1999; Oliveira, 2000; Cruz, 2000). Os resultados informam que as modificações foram pontuais, e não significam a ausência de discurso racista, centrado numa *branquidade normativa*, isto é, no branco como norma de humanidade.

Em nosso estudo observamos a manutenção do branco como norma de humanidade. Os personagens dos textos didáticos que não tiveram sua condição étnico-racial explicitada foram, via de regra, considerados brancos, ao passo que os não-brancos precisaram da explicitação de sua condição racial. Outro resultado no sentido da naturalização do branco foi a desproporção entre personagens brancos e negros. Entre 1976 e 2004, para cada personagem negro observaram-se 16,2 personagens brancos. Quase o mesmo valor se repetiu ao se isolar os livros didáticos de Língua Portuguesa publicados após 1993: 16,7 personagens brancos para cada personagem negro (Paulo Silva, 2005).

Os textos, em geral, se dirigiram a leitores supostamente brancos. Foram identificadas centenas de ilustrações, que acompanharam apelos diversos aos alunos/leitores. As imagens atuaram na estruturação de um discurso generalizante e naturalizante do branco (figura 1).

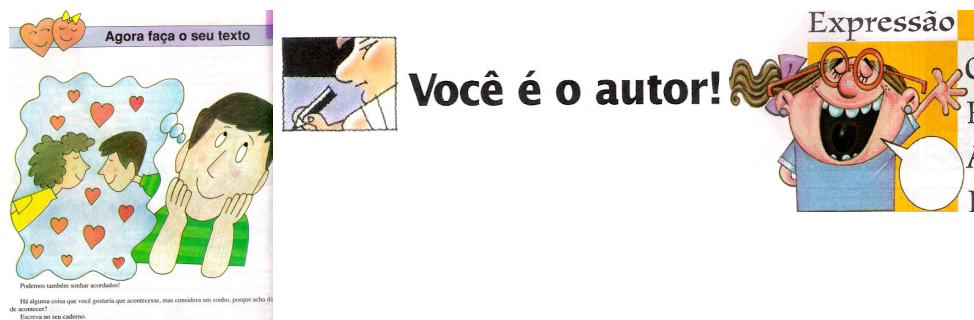


Figura 1 - Exemplos de ilustrações de personagens brancos acompanhando falas diretas e instruções aos leitores

Fonte: Paulo Silva, 2005, p. 177.

Nos textos que acompanham estas imagens, as referências ao leitor foram, em geral, diretas, particularmente com o uso dos pronomes *você* e *nós*. O interjogo entre imagens e textos definiu mensagens em que tanto o *você* quanto o *nós* foram discursivamente estabelecidos como *naturalmente* brancos.

Outro aspecto observado foi a extrema economia no uso de termos que fizessem alusão à classificação de cor-etnia. No caso dos personagens brancos, apontou-se ausência quase total de vocabulário de classificação racial. A busca de uma suposta neutralidade teria o sentido de *dissimulação* da situação de privilégio do branco e das desigualdades raciais, ocultando a identidade racial pelo branco (Giroux, 1999, p. 139). Consideramos que a manifestação do silêncio tem significância própria, “no silêncio o sentido *é*” (Orlandi, 1993, p. 33, grifo da autora). “O silêncio não é diretamente observável e no entanto ele não é vazio [...] Para torná-lo visível, é preciso observá-lo indiretamente por métodos (discursivos) históricos, críticos, des-constutivistas” (Orlandi, 1993, p. 47). Pode-se interpretar a parcimônia no uso de vocabulário racial como uma das formas de operar do silêncio, do que “não-pode-ser-dito” (Gonçalves, 1987, p. 27). Duas formas correlatas de silêncio, segundo Gonçalves (1987, 1988) operam na escola brasileira, uma que se cala para as particularidades culturais da população negra brasileira e outra que nega os processo de discriminação. Ambas podem ser compreendidas como manifestação do que Orlandi (1993, p. 12) define como *silenciamento*, “aquilo que é proibido dizer em certa conjuntura” (1993, p. 24). O sentido do silêncio se articula com a complexa *etiqueta das relações raciais* do “racismo a brasileira”. É o silêncio que mantém o discurso, na escola, que tenta “construir a igualdade entre os alunos a partir de um ideal de democracia racial” (Gonçalves, 1987, p. 28), ocultando os processos de discriminação.

Além disso, observou-se uma característica recorrente na relação entre personagens brancos e negros, em geral transposta da mídia escrita: a do branco que atua para “salvar” o negro ou, mais sutilmente, para “corrigir” suas crenças, opiniões, valores (em perspectiva análoga à criticada por Giroux, 1999, p. 116-121, na análise do filme *Dangerous Minds*). Um exemplo:

**Elói, o guerreiro de Lagoa Santa**

Que ninguém duvide da garra desse adolescente de 14 anos, aluno da oitava série, com cabelos cortados ,a moda Arnold Schwarzenegger, tênis 44 e 1,92 m de altura. Elói Marcelo de Oliveira Silva não brinca em serviço. Desde o início do ano, ele luta para que cada criança de sua cidade, Lagoa Santa, em Minas Gerais, ocupe o seu lugar na escola. Se encontra alguma resistência, Elói não se intimida [...] O resultado já começa a aparecer: 23 crianças e adolescentes de 7 a 16 anos, que estavam fora da escola, hoje já foram reintegrados. Na aparência, Elói é um adolescente como qualquer outro (Revista Nova Escola apud Procópio, 2001, p. 47).

Elói é um menino branco, que tem três fotos estampadas nas páginas em que discursivamente construído como herói, tem seu nome citado dezenas de vezes e diversos aspectos de sua vida cotidiana e familiar descritas. As crianças que são colocadas de volta à escola também aparecem em fotos, sendo majoritariamente negras, mas o tratamento a elas tende a ser como no trecho transcrito, tratamento generalizante, com poucos detalhes, são colocadas como objeto da ação do “herói”.

#### **4. Apontando algumas dicotomias**

Uma síntese dos resultados das pesquisas brasileiras sobre desigualdades raciais no plano simbólico, que tratamos até aqui (literatura, cinema, imprensa escrita, televisão, literatura infantil, livros didáticos) aponta que os discursos apresentam especificidades e pontos comuns. Nos anos 1980 e particularmente nos anos 1990, observam-se modificações nos discursos sobre o negro, porém são mudanças tênues ou específicas, que representam avanços limitados no tratamento da questão racial. A sub-representação de negros foi tônica. No caso de livros didáticos, o aumento na proporção de personagens negros foi acompanhado de uso de estratégias mais sofisticadas de discurso racista. Em jornais e publicidade em revistas, aumentos na proporção de representação de negros estiveram relacionados a traços estereotipados. A estereotipia foi particularmente presente na associação do negro com criminalidade em jornais, literatura e cinema; no desempenho de funções socialmente desvalorizadas, na televisão, literatura infanto-juvenil e livros didáticos; na exploração de estereótipos de “mulata”,

“sambista”, “malandro”, jogador de futebol, na literatura, publicidade impressa e televisiva, no cinema.

A sub-representação do negro nos diversos meios toma parte na situação de *silenciamento* sobre as desigualdades raciais que observamos na sociedade brasileira. O silêncio, como apontamos, exerce um duplo papel, de negar os processos de discriminação, buscando ocultar a racialização presente nas relações sociais, ao mesmo tempo em que propõe uma homogeneidade cultural ao “brasileiro”. As diversas mídias silenciaram, em geral, sobre manifestações de alteridade e singularidade do negro brasileiro.

O branco foi tratado, nos diversos meios discursivos, como representante *natural* da espécie. As características do branco foram a norma de humanidade.

A naturalização e universalização da condição do branco se relacionam ao público a que as mensagens, via de regra, se dirigiram. Em diversos meios midiáticos o público foi discursivamente constituído como supostamente branco.

No que se refere aos diversos meios midiáticos que analisamos, foram relativamente intensas a movimentação e o debate a respeito do discurso sobre negros e brancos. Movimentos sociais (mulheres e negros), pesquisadores, membros das esferas públicas, associações de editores, associações de escritores, jornalistas, estiveram envolvidos em debates, denúncias, seminários, publicações, mudanças de legislação. Toda essa movimentação contrasta com as limitadas modificações no racismo discursivo apontadas pelos estudos. A discussão sobre desigualdades raciais nas décadas de 1980 e 1990, as manifestações do movimento negro, as pesquisas sobre desigualdades estruturais, as críticas ao mito da democracia racial, o funcionamento de órgãos de combate à discriminação ligados às diversas esferas de governo, parecem ter repercutido de forma branda e selecionada no discurso midiático.

## Referências

- ARAÚJO, J. *A negação do Brasil*. São Paulo: Senac, 2000.
- BARCELOS, L. O(s) centenário(s) da abolição. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, n. 20, p. 197-212, jun. 1991.
- BAZILLI, C. *Discriminação contra personagens negros na literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea*. Dissert. (mest.), PUC-SP, 1999.
- BERND, Z. Negro, de personagem a autor. *Anais IV da Bienal Nestlé de Literatura*. São Paulo: 1988, p. 25-28.
- BROOKSHAW, D. *Raça e cor na literatura brasileira*. Tradução de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Série Novas Perspectivas.
- CHINELLATO, T. *Crônica e ideologia – contribuições para leituras possíveis*. Tese (Dout.) FFLCH - USP, 1996.
- CONCEIÇÃO, F. Imprensa e racismo no Brasil. *A manutenção do 'status quo' do negro na Bahia*. Dissertação (mest.) ECA - USP, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Mídia e Etnicidades no Brasil e Estados Unidos*. Tese (dout.) ECA - USP, 2001.
- COSTA, H. O negro no teatro e na TV. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, n. 15, p. 76-83, 1988.
- CRUZ, M. *A história da disciplina Estudos Sociais a partir de representações sobre o negro no livro didático (período 1981-2000)*. Dissert. (mest.), UNESP, 2000.
- D'ADESKY, J. *Pluralismo étnico e multi-culturalismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.
- ESSED, P. *Understanding everyday racism*. Londres: Sage, 1991.
- FERREIRA, R. A. *A representação do negro em jornais no centenário da abolição da escravidão no Brasil*. Dissert. (mest.) ECA - USP, 1993.
- GIROUX, H. *Cruzando as fronteiras do discurso educacional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- GUIMARÃES, A. O recente anti-racismo brasileiro: o que dizem os jornais diários. *Revista USP*. São Paulo, n. 28, p. 84-95, dez.-fev, 1995-1996.
- \_\_\_\_\_. Racismo e restrição de direitos individuais: a discriminação publicizada. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, n. 51, p. 51-78, out. 1997.
- IANNI, O. Literatura e consciência. *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 209-217, 1988.
- HASENBALG, C. As imagens do negro na publicidade In: HANSELBAG, Carlos e SILVA, Nelson do Valle. *Estrutura Social, Mobilidade e Raça*. Rio de Janeiro, Vértice, 1988. P. 183-188.

- LESLIE, M. The representation of blacks on commercial television in Brazil; some cultivation effects. INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo, vol. 18, n. 1, p. 94-107, jan.-jun, 1995.
- LIMA, S. *O negro na televisão de São Paulo: um estudo de relações raciais*. Dissert. (Mest.) USP, 1971.
- LOPES, L. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado Aberto, 2002.
- MARTINS, M. *A personagem afro-descendente no espelho publicitário de imagem fixa*. Tese (dout.) PUC-SP, 2000.
- MENEZES, M. *Reflexos negros: a imagem social do negro através das metáforas*. 1998. Dissertação (Mest.) UFMG, 1998.
- MOURA, C. A.; BARRETO, Jônatas Nunes Barreto. *A Fundação Cultural Palmares na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2002.
- NEGRÃO, E. Preconceitos e discriminações raciais em livros didáticos. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 65, p. 52-65, mai. 1988.
- NEGRÃO, E. e PINTO, R. *De olho no preconceito: um guia para professores sobre racismo em livros para crianças*. São Paulo: FCC, 1990.
- OLIVEIRA, D. Representações e estereótipos do negro na mídia In: *1º Seminário Internacional Mídia e Etnia*. São Paulo: ECA-USP, 25-26 de maio de 2004.
- OLIVEIRA, E. A imprensa e o racismo In: RAMOS, Sílvia (org.). *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002, p. 36-41.
- OLIVEIRA, M. *O negro no ensino de história: temas e representações*. Dissert. (mest.), FE - USP, 2000.
- OLIVEIRA, R. *Relações raciais na escola: uma experiência de intervenção*. Dissert. (mest.) PUC-SP, 1992.
- PEREIRA, J. *Cor, profissão e mobilidade*. São Paulo: EDUSP, 2001.
- PINTO, R. A representação do negro em livros didáticos de leitura. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 63, p. 88-92, nov. 1987.
- \_\_\_\_\_. Diferenças étnico-raciais e formação do Professor. *Cadernos de Pesquisa*, n. 108, p. 199-231, nov. 1999.
- PIZA, E. *O caminho das águas: estereótipo de personagens femininas negras na obra para jovens de escritoras brancas*. Tese (dout.), PUC-SP, 1995.
- PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro, n. 25, p. 159-177, 1997.
- RODRIGUES, J. *O negro brasileiro e o cinema*. Rio de Janeiro: Globo –MINC, 1988.

- ROSEMBERG, F. *Literatura Infantil e Ideologia*. São Paulo, Global, 1985.
- ROSEMBERG, F.; BAZILLI, C.; SILVA, P. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. *Educação e Pesquisa*. São Paulo: v. 29, n. 1, p. 125-146, jan.-jun. 2003.
- SABÓIA, G. (org.). *Anais de Seminários Regionais Preparatórios para Conferencia Mundial contra racismo, discriminação racismo, xenofobia intolerância correlata*. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.
- SANT'ANA, L. Humor negro. *Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, n. 26, p. 81-98, set. 1994.
- SANTOS, H. Discriminação racial no Brasil. In: SABÓIA, Gilberto V. (org.). *Anais de Seminários Regionais Preparatórios para Conferencia Mundial contra racismo, discriminação racismo, xenofobia intolerância correlata*. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.
- SILVA, A. *O estereótipo e o preconceito em relação ao negro no livro de Comunicação e Expressão de primeiro Grau, nível I*. Dissert. (Mest.) UFBA, 1988.
- \_\_\_\_\_. *As transformações da representação social do negro no livro didático e seus determinantes*. Tese (dout.) UFBA, 2001.
- SILVA JR., H. *Anti-racismo: coletânea de leis brasileiras*. São Paulo: Oliveira Mendes, 1998.
- SCHWARCZ, L. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995.